

## edgar rodrigues: um anarquista entre duas pátrias [parte 1]<sup>1</sup>

*josé maria carvalho ferreira*

Para mim, escrever sobre a vida e a obra de Edgar Rodrigues trata-se de uma questão de amizade, gratidão e admiração. No meu caso específico esse fato decorre, fundamentalmente, de três aspetos cruciais. Em primeiro lugar, mantive com Edgar Rodrigues uma amizade única mesclada pelas vicissitudes ideológicas do anarquismo no Brasil e em Portugal. Os conflitos e as contradições emergiram com relativa acuidade, dando azo a uma situação de solidariedade profunda entre ele e eu, desde o início da década de 1980 até sua morte, em 14 de maio de 2009. Com isto pretendo somente demonstrar que a minha análise sobre Edgar Rodrigues está submersa de subjetividade.

Em segundo lugar, há que realçar o trabalho gigantesco que foi elaborado por Edgar Rodrigues em relação ao número de livros e artigos que publicou. Não obstante sabermos que alguns dos livros publicados tinham um caráter repetitivo, a sua complexidade analítica sócio-

*José Maria Carvalho Ferreira é professor e pesquisador no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), na Universidade Técnica de Lisboa/SOCIUS, Portugal. Contato: jmcwf@iseg.utl.pt.*

histórica implica, para os vindouros, um estudo prévio e profundo das fontes que lhes deram conteúdo e forma. É evidente que muitos desses livros dão-nos imensas informações relevantes para a história do movimento social operário no Brasil e em Portugal, mas também do sindicalismo e do anarquismo.

Em terceiro lugar, há que se ter presente o autodidatismo e a militância anarquista de Edgar Rodrigues fora dos meios académicos. Para ele não interessava a perfeição formal do ato de escrever e analisar em termos científicos, como é apanágio no meio universitário, mas sobretudo divulgar e desenterrar a ação coletiva dos oprimidos e explorados que tentaram, historicamente, desbravar o terreno da emancipação social. Tratava-se, no fundo, de resgatar a história social dos vencidos de ontem e informar o presente e o futuro da palavra do anarquismo conducente à emancipação social.

## **O processo de aculturação de Edgar Rodrigues em Portugal**

António Francisco Correia (mais tarde, na década de 1950, assumiu o pseudónimo de Edgar Rodrigues no Brasil) nasceu em 12 de março de 1921 na aldeia de Angeiras/Lavras, município de Matosinhos, região norte de Portugal. Era filho de Manuel Francisco Correia e Albina da Silva Santos.

Contextualizando historicamente a sua situação económica, política, social e cultural pode-se inferir da natureza da sua escolarização, como também das dificuldades da sua sobrevivência económica e social no meio familiar.

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

O pai de António Francisco Correia trabalhava nas docas do porto de Leixões e a mãe, embora trabalhasse como doméstica, era de origem camponesa. Por outro lado, seu pai era um militante anarcossindicalista muito ativo no Sindicato das Quarto Artes, constituído por vários ofícios da construção civil do município de Matosinhos. A mãe, como era habitual nas famílias portuguesa pobres, limitava-se a cuidar da lida da casa e dos filhos. As múltiplas adversidades desta realidade permitiram que Correia se apercebesse, desde muito novo, das injustiças e da desigualdade social existentes em Portugal – percepção drasticamente desenvolvida com a eclosão do golpe de Estado fascista em 28 de maio de 1926. Na altura, Correia tinha cinco anos, dois meses e dezesseis dias.

Embora fosse ainda muito jovem neste acontecimento histórico, este teve enormes repercussões no pensamento e na ação de António Francisco Correia, por consequência da vida de militante anarcossindicalista de seu pai. Desde logo, o novo regime político tentou cercear qualquer tipo de ação individual e coletiva que se orientasse no sentido da emancipação social. Neste contexto, a ação dos sindicatos que seguiam uma orientação anarcossindicalista e estavam integrados na CGT (Confederação Geral do Trabalho) tiveram extrema dificuldade em construir as suas lutas e reivindicações, acontecendo o mesmo à sua imprensa e escolas libertárias. Mais tarde, essas atividades foram pura e simplesmente banidas com a Constituição de 1933. Face a esta realidade, a sobrevivência da família de António Francisco Correia tornou-se cada vez mais difícil, pela manutenção do salário de seu pai e por condicionantes da ação deste último no meio sindical e anarcossindicalista.

Entretanto, nos finais da década de 1920, Correia ingressou na escola primária. Foi um passo importante na sua educação e no acesso ao conhecimento e informação, na medida em que teve oportunidade de conviver e aprender com um grande pedagogo: o professor Raúl Manuel Gonçalves. Como este era um democrata e um livre-pensador, opinava livremente no sentido da defesa das ideias e práticas anarquistas. Esse fato traduziu-se numa influência pedagógica importantíssima sobre Correia, não obstante o controle ideológico e político da ditadura fascista já se ter alargado ao sistema educativo português.

A conjugação dos fatores que enunciei traduziu-se num processo de aculturação muito específico para Correia. Ainda muito jovem, juntamente com o seu irmão Manuel Correia e outros companheiros, participava em reuniões clandestinas do sindicato em que seu pai estava filiado e, por outro lado, distribuía propaganda na região de Matosinhos e Porto. Havia, da sua parte, uma predisposição e motivação comportamental muito singular, lendo todos os livros que podia, ao ponto de muitos deles poderem ser copiados à mão integralmente. A razão deste fato reside na inexistência de dinheiro na sua família para os comprar.

A primeira condição-função que nos pode aproximar da probabilidade de Correia evoluir para uma ideologia anarquista ou ter uma capacidade para escrever nos é facultada por uma carta que escreve ao prisioneiro anarquista Luis Portela, quando tinha onze anos e dezoito dias:

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

“Pamp., 30 de Março de 1932 – Prezado amigo: Logo que tive conhecimento da sua prisão, procurei indagar do teu paradeiro. Como vivo afastado da cidade, só o consegui quando me veio às mãos a tua carta. Lamento a tua situação. Mas fica certo de que nós trabalharemos por ti. É necessário que indiques os nomes dos salteadores da tua e da nossa liberdade, os nomes desses sórdidos rafeiros ao serviço da tirania que asfixia o povo. Quanto a nós, o autêntico povo, não nos deixaremos ludibriar pelas artimanhas, nem tampouco pela violência de tais rafeiros. Podes, em vez de ‘beijos’, dizer abertamente que te espancaram, que nós já conhecemos os hábitos dos esbirros da PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado). Diz-nos qual o crime de que te acusam, para que fique bem claro entre nós. Por grave que seja não temos sequer aproximação com atos de ‘bondade’ gratificados pela cega justiça da PVDE, que não poupa velhos nem novos, a todos espancando barbaramente, a ponto de mutilar e cegar as suas vítimas. De um pobre-diabo sei eu que, andando a apascentar ovelhas, encontrou numa bouça um maço de papéis, que se verificou depois serem manifestos comunistas. Pois apesar do pobre nem sequer saber ler, a Polícia prendeu-o e, passado algum tempo, devolveu-o à liberdade, mas com o braço quebrado de tanto torcê-lo num torniquete para arrancar-lhe absurda confissão. Este e muitos outros constituem a enorme legião das vítimas do Estado Novo, que um dia hão-de julgar os seus algozes. Agradeço-te a nova letra, que não conhecia de ‘A Portuguesa’, e em troca envio-te o seguinte poema de Tomás da Fonseca (Zola – pseudônimo de António Francisco Correia)”<sup>2</sup>.

Esta incursão de solidariedade de Correia para com Luis Portela foi mantida até finais da década de 1940, não obstante este último ter passado o maior tempo da sua vida na prisão. Com o advento da constituição fascista de 1933, o regime de Salazar instaurou um clima de terror policial e ideológico junto dos sindicatos que não professavam os objetivos dos sindicatos nacionais de ideologia fascista. Como consequência, a totalidade das sedes dos sindicatos anarcosindicalistas aderentes à Confederação Geral do Trabalho (CGT) foram encerradas, assim como os seus órgãos de imprensa. O exemplo do jornal *A Batalha*, porta-voz da CGT, é bastante significativo. Sendo um jornal diário, perdurou de 1919 até ao golpe de Estado de 28 de maio de 1926. Já antes a situação dos sindicatos era difícil, mas depois de 1933 a repressão ideológica e política desenvolveu-se de forma abrupta, ao ponto de tornar insustentável qualquer ação reivindicativa ou sequer qualquer veleidade de mudança social.

Para os militantes da CGT, as dificuldades de se reunir avolumaram-se. Nestas circunstâncias, sendo um militante ativo da CGT, era na casa do pai de Correia que se realizavam as reuniões clandestinas do “Sindicato das Quatro Artes”. Todo o espólio (livros, jornais, panfletos, atas, mobília, estantes, material de escritório, etc.) deste sindicato estava sediado na casa de Manuel Francisco Correia. Até a prisão do pai, em finais de 1936, no Porto, Correia, seu irmão Manuel Correia e outros companheiros realizaram muitas reuniões de incidência libertária e sindical. No entanto, a identidade com a fragilidade existencial da central sindical nacional (CGT), influenciou, notoriamente, a discussão para reflexões e ações identificadas com os princípios e as práticas do anarcossindicalismo.

Em função das prisões e dos condicionantes impostos pela constituição fascista de 1933, os dirigentes da CGT não cruzaram os braços, e elaboraram uma estratégia conducente à realização de uma greve geral insurrecional em nível nacional, no dia 18 de janeiro de 1934, com o intuito de derrubar o governo de Salazar. Na medida em que todos os trabalhadores assalariados foram estimulados para intervir nessa ação revolucionária para além da CGT, a Comissão Inter-Sindical também participou nesse evento histórico. É interessante sublinhar que esta central sindical pertencia à Internacional Sindical Vermelha, criada em 1921. Por outro lado, era uma correia de transmissão dos desígnios políticos e ideológicos do PCP (Partido Comunista Português), também criado em 1921, que também fazia parte da III Internacional Comunista sediada em Moscou.

Ironia do destino. No caso português, na sua grande maioria, essas organizações foram criadas por anarquistas. Assim, não admira que, não obstante os conflitos subsistentes entre a CGT e a Comissão Inter-Sindical, militantes desta central sindical tenham participado também na greve geral insurrecional de 18 de janeiro de 1934. A falta de coordenação entre os diferentes entes participantes fez com que a greve geral insurrecional tivesse sido abortada, não obstante em alguns pontos do país emergissem focos de resistência contra a repressão policial e militar. Neste aspeto, a sublevação na vila de Marinha Grande revelou-se um caso exemplar. Em relação a este acontecimento histórico, após ter-se conhecido o seu epílogo, é interessante constatar que o PCP tivesse denominado essa tentativa insurrecional de “anarqueirada”.

António Francisco Correia viveu todo este episódio através do ambiente familiar centrado na ação de seu pai. Entre os onze e quinze anos, a sua motivação estava focada na leitura de obras de autores anarquistas e de obras literárias identificadas com a emancipação social. Pese embora só tivesse quinze anos, o percurso militante de Correia amadureceu e radicalizou-se fortemente com a prisão do pai em finais de 1936. Apesar de estar só 10 meses numa prisão do Porto, isso não obsteu a que fizesse uma visita ao pai na situação de prisioneiro. A revolta tornou-se fluida perante a inexistência de justiça e liberdade em Portugal. Seu pai entrou no desemprego e as dificuldades econômicas e sociais da família de Manuel Francisco Correia e Albina da Silva Santos acentuaram-se de forma inesperada. Para António Francisco Correia, as necessidades de desenvolver uma luta revolucionária contra o regime de Salazar acentuaram-se.

Esta necessidade, no entanto, esbarrava na incapacidade histórica da CGT em liderar o movimento social operário português no sentido da revolução social. A demonstração inequívoca desse fato residia, por um lado, no efeito negativo da fascização dos sindicatos nacionais. Por outro, a derrota histórica da greve geral insurrecional de 18 de janeiro de 1934 deixou o proletariado português de joelhos face ao fascismo e ao desenvolvimento do capitalismo no espaço geográfico português.

Perante esta dificuldade em lutar com proficiência contra o regime fascista de Salazar, a GGT e os anarquistas em geral envidaram esforços solidários no apoio à revolução social em Espanha. Nesse sentido, vários militantes anarquistas portugueses integraram as milícias da CNT (Confederação Nacional do Trabalho) e outros militaram

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

na FAI (Federação Anarquista Ibérica). Por outro lado, outros colaboravam nos órgãos da imprensa anarquista espanhola e ainda participam nos sindicatos e cooperativas sob a égide da CNT. Em Portugal, foram criados dispositivos revolucionários de diferente tipos, sobretudo de auxílio a militantes revolucionários que fugiam do regime franquista e eram perseguidos pela PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) em Portugal. Importa sublinhar que algumas ações de solidariedade relativas à fuga de militantes anarquistas do teatro de guerra civil em Espanha através de Portugal foram organizadas pela FARP (Federação Anarquista da Região Portuguesa) e FAPE (Federação Anarquista de Portugueses Exilados).

Não obstante essa solidariedade ativa da CGT para com a CNT e a FAI, em paralelo, verificava-se uma situação de impotência nas lutas a desenvolver contra o regime de Salazar. Essa realidade não somente se constata na solidariedade com a revolução social na Espanha, mas sobretudo na incapacidade manifestada em destruir a solidariedade que Salazar mantinha com Franco. Para alguns militantes anarcossindicalistas da CGT esta situação tornou-se insuportável, razão pela qual tenham recorrido ao lançamento de um bomba no intuito de provocar a morte de Salazar. No fundo, para estes militantes, só com um método de ação violenta havia hipóteses de desmoronar o regime fascista de Salazar e, conseqüentemente, apoiar a revolução social na Espanha de modo eficaz. Em abono da verdade, diga-se que Emídio Santana, anarcossindicalista, foi um dos militantes mais ativos no atentado a Salazar, em 4 de julho de 1937. Embora em menor número, não podemos ignorar que esta ação teve a participação de militantes comunistas.

Todo este contexto sócio-histórico foi vivido por António Francisco Correia com base numa multiplicidade de condicionantes na sua ação de militante anarquista, razão pela qual se remetesse à realização de leituras, reflexões e difusão de propaganda anarquista. A correspondência que manteve com o prisioneiro anarquista Luís Portela perdurou entre 1932 e 1937. Essa correspondência dá-nos já uma pequena imagem da maturidade intelectual e revolucionária de António Francisco Correia, quando tinha dezesseis anos e cinco meses: “Pamp., Agosto de 1937 – Caros camaradas: Saúde e Anarquia! Depois de longo tempo sem resposta vossa, resolvi escrever-vos para saber o que se passa convosco e, ao mesmo tempo, transmitir-vos as nossas notícias. Eis as mais importantes: No dia 4 de julho, alguns camaradas atentaram contra a vida de Salazar, infelizmente sem resultado. O facínora salvou-se por pouco, mas salvou-se, para a nossa desgraça. A Polícia fareja por todos os lados, mas, felizmente, até hoje não logrou prender nenhum dos autores do atentado. Não se para aí, se para o Tarrafal, seguem sessenta marinheiros dos que escaparam da mortandade no Tejo. O Salazar preparava-se para mandar alguns navios-de-guerra portugueses para as costas de Espanha a fim de auxiliar o Franco a estabelecer um regime fascista no vizinho país. A marinhagem, em cujo seio sempre progrediram as nossas ideias, revoltou-se, mas foi atraída. Alguns navios foram metralhados no Tejo, e os marinheiros que tentaram salvar-se a nado eram metralhados dentro da água. Os poucos sobreviventes foram condenados a deportação. Os sabujos da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), como feras, farejam, por todos os lados, excitados pela ‘Rádio Fantasma’, que diariamente ameaça Salazar.

Nos dias 11, 12 e 13 de junho, realizou-se mais um congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), cujo principal objetivo consistia em apreciar os acontecimentos da Revolução Espanhola. Depois de longas apreciações e explicações dadas pelo secretariado da AIT e pelos delegados da CNT, foi aprovada uma definição de pontos-de-vista vasada nos seguintes termos: 1º) Os acontecimentos de Barcelona, desencadeados pelos moscovitários contra os anarquistas, vários dos quais foram traiçoeiramente fuzilados por aqueles, visavam o aniquilamento dos militantes da CNT e FAI, com o objetivo de estrangular a Revolução Social. 2º) Tal ação vinha sendo preparada pelos governos de Valência e Barcelona, na ausência dos militantes anarquistas, que colaboravam com esse governo, como conselheiros de guerra. Esta manobra era dirigida pelos bolchevistas às ordens de Moscou. 3º) Tal plano tem um caráter internacional e serve os interesses político-capitalistas anglo-americano-russos, interesses que a diplomacia dos respectivos países procura camuflar com o pacto de não-intervenção. 4º) A mediação, recusada pelo governo de Valência, tende a uma paz covarde, isto pelo lado dos governos, mas, quando a Revolução Espanhola, tem um alcance muito mais profundo. 5º) Em face disto, é dever do proletariado organizado desencadear a revolução mundial, que há de trazer aos povos uma nova vida social, baseada na paz e na justiça há tanto ansiadas. Esta, pois, deve ser a preocupação dominante e essencial da CNT. 6º) A admiração pelo valor invencível das massas operárias e camponesas da Espanha, e muito especialmente da CNT, permanece intacta, apesar de todas as vicissitudes duma luta desigual. 7º) A solidariedade do proletariado

internacional à CNT continua inquebrantável, suceda o que suceder”<sup>3</sup>.

Quando ainda tinha dezesseis anos, António Francisco Correia, após ter concluído a instrução primária, resolveu seguir a sua escolarização numa escola particular no Porto. A sua vontade de aprender era inabalável, e como não tinha dinheiro para custear os estudos, trabalhava de dia como servente de pedreiro e estudava de noite. O grau de escolarização que obteve era fundamental para a consecução dos objetivos que pretendia: aprofundar as bases de leitura e de escrita que envolviam a sua condição-função de militante do anarcossindicalismo e, por outro lado, estimular a formação de competências profissionais que lhe permitissem trabalhar no setor da construção civil.

Com o fim da Revolução Espanhola, em 1939, consumou-se a pretensão de realizar a revolução social identificada com a CNT e a FAI. Em sintonia com esta situação adversa, a CGT portuguesa estava totalmente desmantelada nos seus propósitos de luta contra o salazarismo. Nestas condições, os militantes anarcossindicalistas que ainda restavam limitavam-se a promover atos simbólicos de propaganda anarquista contra o regime de Salazar, ou então promoviam ações de solidariedade junto daqueles que estavam presos e manietados nas prisões do Tarrafal (Cabo Verde) e de Angra do Heroísmo (Açores).

Em função do exposto, com a idade de dezoito anos, um mês e dezenove dias, António Francisco Correia, conjuntamente com Fernando Costa, Fernando Neves, Agostinho Gonçalves, Manuel Correia, Fernando do “Madalena”, Armindo Sarilho (primo de António Francisco Correia), Manuel Correia, Augusto Godinho, José

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

Augusto de Castro, Júlio Gonçalves Pereira e Joaquim Moreira da Silva comemoraram o 1º de Maio de 1939 de uma forma muito genuína. Para além de não comparecerem nos seus locais de trabalho, fizeram um circuito ciclística passando por Braga, Ponte de Lima e Viana do Castelo. Como era proibido qualquer tipo de manifestação simbólica correlacionada como o acontecimentos histórico de 1886 em Chicago, comemorar o 1º de Maio deste modo foi a única maneira destes militantes anarcossindicalistas expressarem a sua revolta contra a ditadura salazarista e demonstrarem que estavam vivos.<sup>4</sup>

A amizade entre estes companheiros de António Francisco Correia era muito grande, ao ponto de participarem em várias atividades culturais em grupos de teatro e bibliotecas. Entre outras, um dos exemplos dessas atividades foi o estudo do esperanto. Correia foi um grande entusiasta dessa língua, sendo acompanhado por Fernando Costa, Abel Silva e Fernando Neves. Este último também emigrou para o Brasil e foi um companheiro que esteve sempre, até a sua morte, ao lado de Correia. A universalidade comunicacional que se pretendia com o desenvolvimento do esperanto, na altura, tinha uma importância vital para as aspirações revolucionárias do proletariado mundial.

No caso específico da integração de Correia no mundo teatral amador, isso ocorre quando tinha dezoito anos, onze meses e onze dias. Para o efeito, inscreve-se, pela primeira vez, em 01 de março de 1940, no Grupo Dramático Flor da Mocidade, sediado em Santa Cruz, município de Matosinhos. Para além de participar nas atividades teatrais, teve também a possibilidade de conhecer Ondina dos Anjos da Costa Santos, com quem casou em agosto de

1941. Posteriormente, ingressou no Grupo de Dramático Alegres da Perafita, tendo até assumido funções de vice-presidente da direção. No sentido de estimular hábitos de leitura, neste grupo de teatro, organizou concursos anuais, com prêmios para quem lêsse mais, ao mesmo que se realizavam piqueniques e excursões para localidades mais próximas.<sup>5</sup>

Ao perfazer vinte e um anos e sete meses, António Francisco Correia ingressou no serviço militar obrigatório. Primeiro fez serviço militar no Regimento de Engenharia do Porto. Em seguida, foi destacado para a Escola Prática de Engenharia, sediada em Tancos. Foi uma estadia nas casernas militares que perdurou entre outubro de 1942 e novembro de 1943. Nesse período, entretanto, nasceu Oscar Zola, o seu primeiro filho, em 26 de agosto de 1943. Para além da obrigação imperativa do regime de Salazar para que todos os homens cumprissem o serviço militar, o fato de Correia ter aceito as condições da disciplina militar em Portugal permitiu-lhe subtrair-se a uma eventual ida para as colônias, como era o caso na altura em relação a Angola, Moçambique, Madeira, Açores, Timor e Cabo Verde, etc. Evidentemente que essa exigência de Salazar do cumprimento do serviço militar nas colônias devia-se ao medo de as perder no teatro da 2ª Guerra Mundial. Durante os 10 meses que fez serviço militar, começou como soldado, depois foi promovido a cabo e quando saiu era sargento.

As consequências da vivência de António Francisco Correia nas casernas militares permitiram-lhe assenhorear-se de uma série de conhecimentos e informações que mais tarde revelar-se-ão essenciais para a sua vida profissional,

sobretudo no que concerne à aprendizagem da matemática, desenho e alguns aspetos técnicos da engenharia civil:

“Eu tinha um primo que era mais velho quinze anos de que eu que me sugeriu que estudasse no seio do exército. Prestei serviço em engenharia. Aprendi as técnicas e disciplinas de engenharia civil que estavam ligadas à construção civil, como eram os casos da matemática, desenho, etc. Quanto ao problema da disciplina que reinava no exército, eu aproveitava o tempo o melhor possível para estudar, porque não podia fugir. Foi assim que cheguei a sargento. Quando vim embora do exército tinha 23 anos. Fui para a Escola Prática de Engenharia e prestei serviço militar. Toda essa gente eram engenheiros. Esses meus primos foram para Espanha porque não queriam servir a guerra. Dentro do exército, e pese embora a disciplina militar que ali existia, eu teria que aproveitar o melhor possível. Isto foi muito importante para a minha formação profissional e serviu para colmatar os problemas financeiros da minha família, já que o meu pai depois de sair da prisão foi despedido”<sup>6</sup>.

Logo após ter deixado o serviço militar, Correia fez-se à vida e, como é lógico, tentou singrar como trabalhador da construção civil. Como tínhamos escrito antes, sua evolução educacional permitiu-lhe evoluir para uma situação que não esperava antes de ter feito o serviço militar: “Primeiro criei uma firma de construção civil e passei a fazer construções como empreiteiro. Um andar, dois andares. Quando estive na Escola Prática de Engenharia fiz muitas amizades com engenheiros militares do exército. Estes ajudaram-me muito na resolução de problemas técnicos e burocráticos na minha vida inicial

de empreiteiro. Fiz obras nos hospitais militares e edifícios públicos”<sup>7</sup>.

Até a sua ida para o Brasil, em 1951, limitou-se a exercer a sua atividade profissional, nunca esquecendo os pressupostos da luta contra a ditadura de Salazar. Sendo difícil qualquer tipo de solidariedade e luta contra o regime no quadro da ação individual e coletiva, Correia canalizou os seus esforços na solidariedade com os presos anarcossindicalistas, destacando-se todo o seu esforço junto de Luis Portela até finais da década de 1940. Importa, por fim, referir a sua participação em ações nas conferências dos professores Abel Salazar e Agostinho da Silva, tendo salvo muitos livros deste último das garras da PIDE.

## Notas

<sup>1</sup> Este artigo, assim como o que foi publicado na *revista verve* nº 24, 2013, “Roberto das Neves: um cidadão do Mundo”, é resultado de minha participação no Projeto MOSCA – Movimento Social Crítico e Alternativo – Memórias e Referências, projeto de investigação e desenvolvimento tecnológico financiado pela FCT. [Esta é a 1ª parte do artigo completo. A 2ª parte será publicada em *verve* nº 26 (N.E.)].

<sup>2</sup> Luís Portela e Edgar Rodrigues. *Na Inquisição do Salazar*. Rio de Janeiro, Editora Germinal, 1957, pp. 51-52.

<sup>3</sup> Idem, pp. 208-209.

<sup>4</sup> Edgar Rodrigues. *Lembranças Incompletas*. Guarujá (SP), Editora Opúsculo Libertário, 2007, pp. 24-25.

<sup>5</sup> Idem, pp. 25-26.

<sup>6</sup> Entrevista de Edgar Rodrigues ao autor em 12 de março de 2007. Rio de Janeiro, p. 1.

<sup>7</sup> Idem.

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

*Resumo*

*Primeira parte da biografia política do pesquisador, arquivista e historiador autodidata e anarquista Edgar Rodrigues. Relata sua vida e militância em fuga da ditadura de Salazar para o Brasil e, após uma década no Rio de Janeiro, o envolvimento com o movimento anarquista e suas ações de resistência à ditadura civil-militar de 1964 no Brasil.*

*Palavras-chave: anarquismo no Brasil; arquivos operários; resistência a ditaduras*

*Abstract*

*The article is the first part of the political biography of the anarchist teacher, archivist and autodidact historian Edgar Rodrigues. It recounts his life and militancy while escaping Salazar's dictatorship and, after ten years in Rio de Janeiro, his involvement with the local anarchist movement and his resistance acts against the 1964's civilian-military dictatorship.*

*Keywords: anarchism in Brazil; workers archives; resistances against dictatorships.*

***Edgar Rodrigues: an anarchist between two countries [first part], José Maria Carvalho Ferreira.***

*Recebido em 15 de fevereiro de 2014. Confirmado para publicação em 05 de abril de 2014.*